



O PHAROL DE BREHAT.

A construcção dos pharoes em nossos dias tem chegado a grande auge de aperfeiçoamento; sendo uma necessidade reconhecida para beneficio da navegação, prodigiosamente se tem multiplicado em todas as costas maritimas ainda as mais bravias e afastadas. N'algumas d'estas construcções, requerendo todas ellas solidex, se tem posto uma certa magnificencia adaptada á natureza de semelhantes obras: dos mais notaveis que se devem á arte moderna, achar-se hão noticias e desenhos em as nossas precedentes series, como o de Cordouan, o de Bell-rock, o de Eddystone. A gravura que adorna o frontispicio do presente numero, representa o pharol provisório, levantado na ilha de Bréhat, costa de França, e as accomodações que se fizeram para os operarios que trabalharam no pharol permanente, já concluido e que disputa primazia a todos, pelas difficuldades nascentes da sua posição, e por muitas particularidades na construcção do edificio. Justamente se dirá que não tem rival, porque os de Belle-rock e Eddystone, acima mencionados, de que se jactam os inglezes, estão longe d'aquellas proporções monumentaes. Foi o seu engenheiro M. Reynaud, depois nomeado professor da escola polytechnica. — Tem esta simples inscripção. — *Este edificio começado em 1836 foi acabado em 1839, reinando Luiz Philippe.* —

O ilheu de Bréhat é um penhasco em situação tempestuosa, situado quasi a tres leguas das rochas e res-

TOMO I. — OUTUBRO 23, 1847.

tingas *des Héaux*. — Eram assaz reconhecidos os perigos e difficuldades que offerece a navegação na costa do norte da Bretanha, ao desembocar do golpho importante que se dilata entre esta península e a do Cotentin. Tractando-se de obvia-los procedeu-se a um inquerito para conhecer-se qual deveria ser a localidade do pharol, se ao norte ou ao sul do passo estreito que os navios frequentam entre os cachopos de Roquedouve e os de Héaux de Bréhat. O resultado de um attento e prolongado exame foi preferir-se este ultimo local.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico.)

IV

*Nuvem e estrella.*

ERA a tarde do terceiro dia depois que Gomes Lourenço commettêra o rapto de Maria Paes. Encerrada n'um aposento, guardada com vigilancia, mas cercada de respeito, em todo este tempo a altiva dama cada vez sentia maior pesar. Em vez de diminuir augmentava a sua dôr.

D. Maria tinha ainda todo o viçoso lustre da mo-



cidade. Não era a flôr tenra, que de mimosa se despega; era a roza feita, aberta, e luxuriante, que nasceu bella, cresceu forte, e sente a vida e ama a luz. As fórmãs airozas, o talhe esbelto, o corpo flexível como hasfe de junco novo, realçavam pela graça a iminensa nobreza da phisionomia. Os cabellos pretos, ora em espiras ondadas fugiam da rede d'ouro e seda, ora soltos, folgavam brincando com o seio e pelos hombros. Era uma belleza regular, mais severa que branda, como a representa ás vezes a escultura grega. Os olhos, também negros, e tão negros, que cegava o brilho d'elles; na rara transparencia da sua chamma, quando queriam, sabiam dizer tudo — ou lhes luzisse a rapida fâsca das paixões, ou a languida esperanza chorasse n'elles.

Ninguém diria, vendo-a — « Assim foi a formosura da antiga Venus Idalia. » — A elegancia n'ella era viril, e o garbo soberano; e o que recordava era o typo da fragueira virgem dos bosques. Um romano que a apercebesse, galopando com as tranças livres ao doudejar da aragem, falcão em punho, e as pregas do saio verde inchando na carreira, exclamaria logo — « É Diana — a deusa caçadora! »

E linda como Diana é que ella passava, accensas as faces no ardor da caça, levando a buliçosa alegria de pagens e donzellas atraz de si; o latir das matilhas, o vozear da montaria adiante; e d'espaco a espaco reboando o som da buzina de prata, ora pela corôa dos montes, ora pelas quebradas do valle.

E foi assim que o moço Gomes Lourenço a viu correr ao lado de Sancho I, uma tarde de maio, d'aquellas risonhas tardes que dá o céu da Peninsula, e se respiram ás margens do Mondego. D'esse dia em diante nunca mais a poudes esquecer. Alli nasceu, e d'alli medrou; banhado de lagrimas, o infeliz amor do amigo do infante D. Affonso. A inimizade que bebêra com o leite da infancia; o odio que lh'ensinaram a balbuciar com as primeiras palavras; o orgulho da sua raça, que entrava com o sangue das veias no amago do coração, fundiram-se para sempre a luz d'aquelles olhos, um momento fitos n'elle, no perpassar. O homem de Riba-Douro, o neto dos Viegas de Salzedas acabou alli. Na alma só lhe morou um desejo unico — o de apertar ao peito o anjo, que fugira como visão celeste, e com elle nos braços perder o nome, a familia, e Deus até.

De noite, em sonhos que enlouqueciam, apparecia-lhe de repente. Na vista, como lhe sorria a meiguice do amor! Que doce batia nas faces a respiração suave! Sentia arder nos labios o primeiro beijo, sentia-o depois queimar na alma. Que dôr atroz, quando, passando os dedos convulsos pelo rosto, humido dos seus prantos, a verdade lhe dizia que a imagem dos seus desejos se reclinava no seio d'outro tão feliz! Então o ciúme, assentando-se á cabeceira, insinuava-lhe o veneno d'aquelles olhos, estrangulava-lhe os suspiros no laço dos cabellos pretos, e cortava-lhe a alma com inveja de tanta belleza, que era d'outro, de quem nem sequer ousava proferir o nome no segredo mesmo das veladas noites.

Assim correram os mezes e passaram os annos, sem descanso n'aquella fadiga, nem refrigerio a tamanho martyrio. A amizade de Egas, seu irmão, tinha sido até ali um culto para a sua alma; despegou-se também essa, como a ultima folha cãe á flôr morta. Condemnado a recolher silenciosamente no coração as lagrimas, a fechar n'elle o amor, a desesperação e o ciúme, entre os homens e no mundo, era sombra do que fôra. Nos olhos, só, n'esse verdadeiro espelho do espirito, é que ainda não mor-

rêra. Lá vivia concentrada, indomavel, a fatal paixão que o consumia. O que elles fallavam, mudos; o que choravam, enxutos; o que no rapido fuzilar d'um momento sentiam e revelavam; nunca o souberam entender os que, vendo o cavalleiro de Salzedas tão differente, perguntavam se alguma fada lhe dera encanto, para elle envelhecer de quarenta annos. A amizade de Egas talvez suspeitasse a desgraça do cavalleiro — o que não adivinha o coração de um irmão? Mas se adivinhou foi discreta — soube occulta-la.

E D. Maria Paes? também essa a percebeu. Não é possível ser mulher, e por muito tempo ignorar o amor que nos acompanha a toda a parte. Por instincto, a irmã de Martim Paes foi a primeira a descobrir a funda melancholia do mancebo, e a penetrar o motivo d'ella. Leu-a nos olhos, que a fitavam, se cuidavam escapar aos seus, e esmoreciam, timidos, apenas se cruzava a vista. Viu-a nas faces pallidas, que se affrontavam de vivas côres ao encontralla de repente. Em tudo a surprehendia; — na ternura da voz, na hesitação dos olhos, na incoherencia das palavras. Em vez de reprimir, a dama altiva animou por leves favores o incendio, em que se gastava a vida do triste cavalleiro. Era orgulho, ou era calculo vingativo? Se foi um ou se foi outro, o segredo a ninguém o disse — mas bem cedo teve de se arrepender. O primeiro fructo colheu o no castello d'Avellans; o segundo, o mais amargo, custou-lhe lagrimas e remorsos eternos.

Tudo isto a opprimia de terror no alcaçar de Gomes Lourenço. Nas mãos do homem, de quem escarnecêra o amor, convertendo-o em recreio das horas vagas, D. Maria, offendida, ultrajada, mais de uma vez resistiu á tentação de se precipitar no leito de pedras do valle que se torcia em baixo. Não menos altivo, o cavalleiro de Salzedas continha-se, disfarçando a sua paixão. Nas breves e curtas palavras que tinham trocado distinguia ella a vontade imperiosa da aborrecida casa de Riba-Douro. Por instantes uma duvida cruel passava-lhe pela idéa, fulminando-a. Aquelle amor, de que tinha imaginado zombar, seria um laço, como o falso agrado, o traiçoeiro rizo de que ella o embalara? A vingança vestia as côres da paixão para ferir mais certa? Suppôlo era enlouquecer. Um rapto só para infamar a nobreza de uma dama, era a injuria mais atroz de todas.

Sombrias como estas eram todas as suas reflexões nos dias que durou o captiveiro. Na tarde em que estamos, antes do pôr do sol, ouviu descantar debaixo da torre. Com que alvorço, ao debruçar-se da janella, conheceu o escravo mouro de seu irmão! Não a tinha esquecido. Lá fôra havia quem trabalhasse para lhe restituir a liberdade.

D. Maria repetiu as ultimas palavras da cantiga, e o pagem, olhando para cima, mostrou um ramilhete. Creados por uma velha africana, os dois irmãos aprenderam d'ella a poetica lingua dos jardins. O ramilhete subiu por uma cordão, e com as mesmas flôres se compoz a resposta ao recado symbolico. O escravo apanhou-as, e desapareceu. Momentos depois as sombras cresciam no valle, e só de vez em quando se avistava ao longe o vulto do pastor, encaminhando-se á pressa pelo trilho das montanhas.

Desfolhadas nos dedos as violetas e os lyrios juntavam o chão, aos pés da dama de Lanhoso, enlevada em meditações profundas. No rosto immovel, na vista pasmada, a vida parecia paralyzada. Apenas um sorriso apagado tremia nos labios, onde os sons temiam ser indiscretos. O que ia lá dentro era muito intimo para se desaffogar em palavras. — Nos



olhos, ás vezes, fuzilava um relampago de odio, de esperanza, ou de terror — e depois amorticavam-se as palpebras sobre as pupillas negras e sem brilho.

Ainda estava suspensa no vago reflectir, quando se abriu a porta do aposento, e Gomes Lourenço appareceu aos umbraes. Um grito d'ella, um suspiro d'elle, e d'ahi o mais completo silencio — disseram tudo o que ambos tinham sobre o coração.

O saio escuro, o cinto e a capa da mesma côr estavam em harmonia com a pallidez do mancebo. Chegando ao meio da vasta quadra, ergueu a vista e fitou-a em D. Maria. Era lento, doce, e profundamente triste o seu olhar.

Porque tremia ella? Pedia ha pouco a Deus que o tocasse a vir alli, e agora não tinha animo para o receber? — Ella que tão de perto estudára as paixões e as fraquezas de muitos homens — que o mundo chamava grandes — porque não se atrevia a lér na alma de um mancebo que a não sabia conter, que a não queria fingir, e tinha só no coração e na bocca um sentimento e uma palavra — amor!

D. Maria receiava mais o fogo d'aquella paixão do que os calculos pacientes do odio. De tudo, o que mais custa a simular, é o amor, quando os olhos que nos vêem o fallam, o choram, e o adivinham!

E ella, para sair, precisava fingir que amava mais, tanto pelo menos como o infeliz mancebo.

Por isso tremia e vacillava. Escapou-lhe, quasi envergonhada, uma lagrima, e veio queimar nas faces. O seio anciado arfava que fazia ranger as roupas. Quiz levantar-se, e os joelhos descaíam; quiz fazer um signal com a mão, e o braço estava mortal. Abria a bocca para fallar, e as palavras, suffocadas, não se articulavam. — Um deslumbramento repentino cegou-lhe a vista.

Entretanto contemplava-a Gomes Lourenço com uma ternura ineffavel.

Sem luz nos olhos, sem côr nas faces, verdadeira imagem da afflicção, D. Maria era ainda mais bella do que no orgulho de todas as galas da sua formosura.

Depois de a estar contemplando grande espaço, o mancebo ajoelhou, e, pousando um beijo na mão que pendia fria, com um suspiro alto exclamou:

— «Meu Deus, que immensa dôr é amar assim!»

Quando este grito saía da alma do cavalleiro, ia ella tornando a si; e, abrindo frouxamente os olhos, deixou cair sobre elle a vista turva, onde o alvoroço da esperanza brincava radioso. Depois um véu de timidez empanou-lhe o brilho, e uma lagrima furtiva pendeu das pestanas assedadas. Um sorriso, ao mesmo tempo meigo e triste, adejou, sem as desabotoar, pelas rozas d'aquella bocca, de que o mancebo esperava ouvir bem severos queixumes.

Gomes Lourenço fez-se côr de purpura, e depois branco com um lyrio. Subjugado pela adoravel fascinação d'aquelles olhos, nem deu mais uma passada, nem disse uma palavra, nem ousou desprezar a vista d'elles.

Nenhum d'elles fallava. O mancebo porque não podia, a dama porque ainda não ousava. Queria asserenar o espirito, e medir os gestos e as palavras; uma de mais era bastante para a perder. — Emfim, com ar maguado, correndo os dedos afilados e rozados pela testa:

— «Que mal faria eu, fraca mulher, para chegar a esta dôr!... exclamou ella, e, sem esperar resposta, accrescentou, não fitando n'elle a receiosa vista: — Oh, quem me dissera isto n'aquelle dia á noite!... — e, virando-se para o cavalleiro subitamente, perguntou: — Não vos lembraes d'elle, nem do sitio onde foi?»

— «Lembro, senhora. Aquella tarde de março, na coutada de Lorvão, como havia d'esquece-la?... Os felizes só é que se esquecem. Oh se eu a pudesse tirar d'aqui?!»

— «Era talvez melhor para ambos» acudiu ella entristecendo.

O mancebo córou. D. Maria insinuava-lhe que o seu amor só na apparencia fôra desprezado. Dava-lhe a entender que, similhante ao d'elle, gemêra dilacerando-se em silencio nos laços do dever, ou do receio. A vista, que então encontrou a sua, dizia tanto, que as palavras eram nada ao pé d'aquelle fogo. Gomes Lourenço accreditou-a. Podia lá duvidar da unica esperanza que lhe promettiam no fim de tantos annos? Se a experiencia e a suspeita lhe diziam «não cedas, olha a realidade» o coração, cansado, apegava-se ás illusões para não morrer. De que tinha horror era de viver sem fé.

— «Melhor?!... Quem não amou sabe lá o que é a vida?... Não é verdade; melhor era não ter vivido, que viver, como eu, sem esperanza, sem mocidade, sem nada?»

— «E se vos dessem esperanza tinheis fé?»

— «Oh, se m'a dessem!... Mas a esperanza a mim ninguem m'a póde dar, senhora.»

— «Ninguem?»

— «Hoje ninguem!»

— «Nem Deus?!»

— «Nem vós, senhora! Já não creio.»

Houve outra pausa então, em que ambos, com a vista no chão, se conservaram immoveis. D. Maria cortou-a de novo, dizendo:

— «Vou-me queixar de vós, cavalleiro. — A uma dama tractaes como inimiga?»

O mancebo tornou a córar da expressão doce com que lhe diziam estas palavras.

— «Inimiga?» murmurou elle.

— «Hospedaes então os amigos n'uma torre?» perguntou sorrindo.

— «São os paços onde moro, senhora D. Maria. Se estaes nos aposentos da torre — é que os não tenho melhores aqui.»

— «Dizei-me, cavalleiro: sou livre ou estou captiva?... Não respondeis? Juro accusar-vos, desleal, aos mais bellos olhos de toda Hespanha.»

— «Sou condemnado então — replicou o mancebo, sorrindo tambem — se os vossos me não perdoam.»

— «Lisonjas e prizões, D. cavalleiro!»

— «Verdades e rogos por alguma bella dama...»

— «E meu irmão, que tão cara lhe custou a aventura!» proseguiu ella mudando de tom.

— «De quem foi a culpa, senhora? A' lança responde a espada. Talvez D. Martim cuidasse que não havia em Salzedas casa para receber uma dama de Lanhoso?»

— «E como entrava ella lá, cavalleiro?»

— «Como mulher de Gomes Lourenço — como dama dos seus pensamentos — como senhora onde elle mandar.»

— «E cada passo para o altar a fazer-nos um accusador. O mundo a clamar...»

— «O mundo!... Só conheço o temor de Deus. Abaixo d'elle nada.»

— «Desarrazoas como um trovador. Com as maguas estaes peor que Gongalo Hermiguez, o mouge-cavalleiro.»

— «Ambos padecemos da mesma pena, senhora. A elle curou-o a cova. A mim... Deus sabe quem.»

E olhou-a com receio e esperanza. Ella sorriu. Oh, se o mancebo adivinhasse?!

— «E eu sei tambem ser Deus, senhor cavalleiro, Mas o que darieis vós se o coração de uma dama?...»



— «Tudo; não tenho que dar depois da vida, e essa . . . não é minha. Mas o coração de que fallaes é frio como pedra. De que serve perguntar-lh'o?»

— «Julgou o vosso tanto tempo inimigo, que. . .»

— «Inimigo, eu! de mim, da honra do nome que tive. Quando disserem: — olha D. Gomes Lourenço, seu pai mataram-lh'o á traição, sua mãe morreu de dôr, e o fraco, o vil não teve uma lança que estalar no peito dos de Lanhoso! . . . O que ha de responder o vosso inimigo, senhora? Mezes, annos sem erguer o brago! Por que soffre tudo isto como um escravo, como um villão, como reféce?! Foi porque o sangue dos que eram meus inimigos me doia mais do que o meu . . . para poupar lagrimas a olhos . . . que as chorariam de alegria . . . se eu caísse na sepultura! É verdade, Martin Paes. O montante do Espadeiro está nas mãos d'uma mulher. — Hoje não ha em Portugal appellido mais infame do que o meu, o de Salzedas. O sangue dos Viegas acabou com o ultimo que se chamou do seu nome! . . . Chorai por elle, cavalleiros, que era um nome velho como as Hespanhas. — e morreu, sepultou-se com o pai de Gomes Lourenço, o covarde!»

D. Maria percebeu que fôra imprudente escaldando aquella chaga. Mudando logo para outro assumpto, com os olhos baixos e a voz commovida, exclamou:

— «Pague-se agora a divida! . . . Aqui tendes uma de Lanhoso — mulher e como é, talvez baste . . .»

— «Sr.<sup>a</sup> D. Maria Paes, os de Salzedas vingam-se como homens . . . ou não se vingam. Cala-te, orgulho antigo! . . . É a tua bocca que o póde dizer, Gomes Lourenço? Covarde, que fizeste do nome dos Viegas? . . . murmurava o mancebo, soluçando. — Por compaixão não me deem em rosto o que fui. . . Cavalleiro, menti ao meu juramento! Filho, reneguei o sangue de meu pai! Irmão, vendi a herança de outro irmão! Rico-homem, arrastei o pendão e manchei as armas de meus avós, para até os servos se rirem d'ellas! . . . Gomes Lourenço, era melhor amortelhar-te n'um mosteiro — ao menos as faces não te córavam diante dos teus escravos!»

E ao soltar estas palavras, quebradas na garganta pela ancia do peito, fechava o punho e media o aposento a passos largos. O semblante carregou-se de amargura, e os olhos accenderam-se em terrível chamma. Parando de repente diante d'ella, o mancebo, em tom prezo e rouco, exclamou:

— «Morreu tudo aqui, senhora. Diante de Deus, diante do meu sangue, na presença dos homens sou um traidor, que me vendi pelo teu amor, Maria . . . mas se me enganasses, se me enganasses!»

E tapou o rosto com as mãos, desatando a chorar como uma creança.

Só então conheceu bem ella o abysmo d'aquella alma — a dôr insoffrida da sua paixão. Quantos sacrificios se podem fazer todos o desgraçado cavalleiro tinha consummado por sua causa. Familia, odio, gloria, vingança, quanto o seu tempo estimava em mais, tudo o que por assim dizer temperava o espirito do guerreiro da meia idade, tudo lhe depozera aos pés. Um instante teve dó d'aquella delirio, e pela mente adejou uma idéa generosa. Foi um momento apenas. Veio logo o odio, veio atraz a soberba riscala para sempre, e gravar em sangue outro pensamento immutavel. E deram-lhe a força, e emprestaram-lhe a astucia, necessarias para continuar na scena de dissimulação que até alli representára.

— «E nunca a esperança de agradecerem sacrificios taes vos adoçou a magua?» — perguntou ella, illuminando-o com o raio de luz que faiscava dos olhos.

— «Nunca. O escravo chorou e ninguem lhe limpou as lagrimas. Talvez se rissem d'ellas ainda em cima!»

— «E se não rissem — e se dissessem: — Gomes Lourenço, outra alma houve que penou com a tua n'esse martyrio — que chorou e padeceu contigo — e por mais d'uma vez, no fundo do coração, bradou a Deus: — Senhor, quebrae-me estas prizoês d'ouro, que ferem como ferro?»

— «Se m'o dissessem, se fosse verdade . . .»

— «O que fazieis?»

— «Morria d'alegria aqui, como tenho morrido de dôr sempre . . . Se houvesse . . . e o ouvisse da tua bocca; se o coração, batendo com o meu, o repetisse; se os olhos, ardendo em fogo, m'o jurassem . . .»

— «Vós o que juraveis? . . .»

— «De joelhos, com as mãos postas, dizia: — por ti perdi o nome de meus avós e a honra da minha espada. O sangue de meu pai é uma nodoa no meu rosto — o unico irmão que tinha passará por mim como estranho — o mundo ha de chamar-me vil, ha de chamar-me tudo o que envergonha as faces e faz pular o coração de raiva — abençoada a hora em que fiquei assim, se tu me amas! Estrella, que nas trevas me déste a luz da esperança — por te seguir morri na flôr da vida — e bemdita sejas, que me salvaste!»

— «Ama-la-heis a ella só?»

— «Não se adora mais que um Deus.»

— «Oh Gomes Lourenço, tambem eu direi agora: — Por ti chorei em silencio trahindo a paixão d'outro, tremendo de remorsos e de ciume — por ti esqueci pai, irmão e sangue — abençoado sejas, que enches de um amor immenso o vazio que o affecto d'elles me deixou no coração! . . . tambem eu fico sem parentes e sem nome.»

E proferindo estas vozes, D. Maria derramava sobre elle o fogo dos olhos pretos, aonde no delirio do affecto faiscava a mais ardente paixão:

O mancebo ajoelhou, exclamando: — «Oh Maria, Maria, porque me não disseste isto senão agora.»

E julgava-se tão feliz, que alli queria morrer de alegria aos pés da primeira e unica esperança que lhe colheram ao cabo de tanto padecer.

E ambos assim, largo tempo sem fallar, estiveram a ver-se, a beber pelos olhos, e na alma, a doce alegria d'aquella instante. Elle de joelhos; — ella, sorrindo, amorosa, meiga, como em sonhos o mancebo a víra estender-lhe a mão, e enxugar-lhe o pranto.

Por fim D. Maria, erguendo-o e pousando-lhe a mão no hombro com doçura:

— «Agora, que sois o meu cavalleiro, disse ella, quero pedir-vos um dom. — Concedeis-m'o?»

— «Que te hei de eu negar, Maria?»

— «Nas horas em que rogava a Deus que nos acabasse este martyrio, fiz voto de atar esta alliança em Sancta Olaia, sobre o tumulo de minha mãe. Aquella que tantas vezes me embalou ao peito, e, ainda creança, me deixou, quero que abençoe do céu este amor, que tão triste nasceu e chegou aqui.»

Uma nuvem se estendeu de repente pelo rosto de Gomes Lourenço.

— «E tão pouco! respondeu elle. Não hei de ter segredos para ti, Maria: não sei o que me diz o coração. . . Sinto que me espera lá desgraça grande.»

— «É a alma de Inigo Lopes?» acudiu ella, rindo.

— «Não; quem sabe o que é? Pelo amor do céu, Maria, escolhe outro sitio. — Não agoures estes amores com a sina do castello maldicto.»

— «Que visões!»

— «Talvez — e são. Mas o segundo casamento de meu pai fez-se lá. Alta noite, no dia do noivado, co-



briu-se de lucto a armadura de Inigo Lopes. A haste do pendão de Salzedas quebrou, e não assoprava aragem de vento. A essa hora sonhou meu pai que o enterravam alli mesmo com cervilheira e espada... e — tremo de o lembrar! — alli se enterrou, no mesmo dia, quasi á mesma hora, passado um anno.

— «Acaso! É o meu voto?»

— «Queres? ... cumpra-se, e Deus seja conosco.»

— «Amen! És um leal cavalleiro. Quando partimos?»

— «Em tu dizendo.»

— «Logo?»

— «Já.»

É duas horas depois saía da honra de Avellans a rica-dona de Lanhoso com Gomes Lourenço. Ella com o seu falcão no punho, esbelta no fogoso corsel, que escarvava o chão, mordendo o freio. Elle, procurando espavorecer o máu presentimento, montado na possante «mula do corpo», sem armas, e só com a espada sobre o saio. Poucos homens d'armas o seguiam. Dentro em pouco os atalaias perderam-n'os de vista no meio d'um rolo de poeira.

Sobre a madrugada, um cavallo a toda a carreira galgou a empinada encosta, e o som da buzina, puxado com ancia, accordou os echos. O villico chegou ás ameias.

— «D. Gomes Lourenço?» perguntaram de fóra.

— «Saíu sobre ocaír da tarde.»

— «Só?»

— «Quem é, que tanto pergunta?»

— «D. Egas, seu irmão. Foi só?»

— «Levou D. Maria Paes a Sancta Olaia.»

— «Abri então. Perdi a jornada.»

Os alcapões ferrados rangeram; a levadiça caíu; e pelo portal de volta baixa entrou o cavalleiro ao clarão dos fachos.



CARICATURA HOLLANDEZA.

BOLLEAU, n'uma epistola, representou a Hollanda mui nobremente personificada debaixo das feições de

uma divindade maritima, o deus Rheno, augusto velho de barba limosa, e que da verde pupilla dos olhõs despedia humidos fulgores. Porém a malicia franceza teve tambem as suas ficções, e no tempo da famosa passagem do Rheno não escaceavam as representações burlescas ou caricaturas d'aquelle excellente povo flamengo, bebedor de cerveja, taciturno como o seu principe, todo vestido de lã parda, e que todavia pelejava pela sua liberdade, pela patria, em quanto o sangue francez se derramava para servir principalmente a ambição de um homem.

A figura brutesca, acima estampada, é transumpto de uma d'essas caricaturas internacionaes, hoje obsoletas. Será a Hollanda, entrincheirada atraz da sua enorme balsa, em vez da urna classica de Boileau, e prompta a inundar as campinas com a sua beberagem estimada, oceano de cerveja onde se affogariam os francezes? Nada: os francezes d'essa epocha tinham sufficiente esperteza e finura para não empregarem o pincel em desenhos vagos, e como as novidades suscitam vulgarmente irrisão, é uma novidade que deu assumpto á caricatura; posto que a cousa não fosse nova na Europa, algum sabor particular lhe achariam em respeito á Hollanda. A figura representa um gazeteiro hollandez. A Hollanda, paiz livre, contou entre os primeiros fructos da sua liberdade a gazeta. Olhai para aquellas fórmulas d'Esopo; o enorme cangirão onde mergulha a vista não será o emblema da sua folha, d'onde sae a inexgotavel inundação que ameaça cobrir o mundo. É o temivel novellista que semeia por toda a Europa os boatos assustadores; que falla dos turcos como se assistisse ás deliberações do divan, e ameaça com cem mil janizaros Belgrado, o baluarte da christandade. Mas onde viu tudo isso? No fundo da sua dorna... «Com os braços arregaçados (dizia Beaumarchais) até os cotovellos, pescando o mal em agua turva.»

Oh que terrivel homem, o segredo dos embaixadores como a sorte das nações está na sua mão: vêde como sae armado, mas de espada de cana!

Porém a gazeta d'esses tempos transformou-se no jornal moderno. *Parce sepultis*. Os francezes contemporaneos é que lhe não perdoaram.

#### TAITI EM 1842.

O CELEBRE navegante hespanhol, Queiroz, descobriu em 1606 a ilha de Taítí, que está situada proximo ao tropico de Capricornio: deram-lhe primeiro o nome de Sagittaria; depois o capitão Willis, em 1666, a chamou ilha do rei Jorge, e Bougainville, que tomou posse d'ella pela França, a intitolou Nova Cythera: d'ahi a um anno, em 1769, Cook ao visitar esta região fertil restituiu-lhe o nome que lhe haviam posto seus naturaes, isto é Taítí. — Esta ilha apresenta a figura de uma cabaca: um grupo de montanhas verdejantes, torneado ao sul por um formoso lago, e cercado de um littoral secundo, fórma a ilha de Taítí propriamente dicta, a qual, por um isthmo de legua de largo quando muito, péga com a península de Tahia-Rabú; esta faz um dos seis districtos em que todo o territorio se divide. Só o littoral é habitado: os montes, que constituem o centro da ilha são quasi aridos nos cumes, posto que as encostas estejam perfeitamente cobertas de mattas. Recifes de coraes a rodeiam, servindo-lhe de diques, e formando muitos portos, seguros e commodos; são os que de ordinario se frequentam, a bahia de Tunoa no districto de Mata-vóz, e a de Pepéiti no districto de Paré.

Taítí se póde considerar como a cabeça das ilhas da Sociedade, de que todas as mais d'este archipéla-



go dependem. A religião da terra é o protestantismo que para lá levaram missionarios inglezes, e que foi abraçado pelo rei Pomaré I. Os naturaes mostram-se de boa indole, brandos e affaveis; gostam dos estrangeiros e os procuram com alegria e amizade: os homens são altos e bem parecidos, posto que a pelle seja muito acobreada; as mulheres, de cutis mais branca, parecem baixas, e senão bellas bastante attractivas, o que teem de mais notavel são olhos vivos, pretos, e rasgados, e dentes de estremada alvura. Os costumes estão corrompidos no maior auge: os missionarios inglezes com seu absurdo systema de intimidacão, teem conseguido fazerem-se temidos, porém não fazer respeitada a religião que ensinaram. No Taítí fallarão a cada passo em inferno, em penas eternas, e nas coimas que os missionarios inglezes exigem dos peccadores colhidos em flagrante; mas ninguem fará menção de Christo e da sua missão de amor e de charidade, da sua lei de perdão e de indulgencia.

O clima de Taítí é de incomparavel salubridade, nunca o thermometro sobe acima de 28 gráus Réaumur, nunca desce abaixo de 15; por isso, tambem, o terreno é de pasmosa fertilidade. As canas de asucar que lá se dão reputam-se pelas melhores e mais bellas do mundo: a arvore do fructo-pão encontra-se por toda a parte, a cada passo: as goiabeiras, as mangas, as bananeiras, os coqueiros, as lorangeiras, os limoeiros, alli se acham em quantidade prodigiosa: o café, o tabaco, a batata doce, o ananaz, encontram-se na mais rica vegetação; e dizemos *rica*, porque *bella* seria termo improprio. Os habitantes de Taítí, sendo excessivamente preguiçosos, cuidam pouco da cultura: filhos mimosos da natureza mui fecunda, só tractam da colheita e de alguns leves trabalhos indispensaveis. Boa quantidade de cavallos, de cabras, de carneiros, de bois, e um estupendo numero de porcos, habitam os mattos no estado bravio: não haveria mais trabalho do que agarrar-los para alimento da gente, se os missionarios inglezes não tivessem encerrada grande porção d'elles em seus curraes afim de fazerem negocio.

N'uma palavra, Taítí é um paiz extremamente rico em vegetaes, em animaes, em nacar, em coral; e poderia fundar um commercio de permutação com as ilhas do Oceano, se os missionarios se não tivessem apossado de toda a casta de especulação. Sob o protectorado da França, este bello paiz não póde deixar de ser restituído em poucos annos ao seu antigo esplendor, por quanto outr'ora contava uma população que Cook avaliou em mais de cem mil almas, e Foster em mais de cento e cincoenta mil, numero que hoje está reduzido a seis ou sete mil. — A aniquilacão da população tambem é obra dos missionarios inglezes; e as causas são as guerras por elles suscitadas contra os infieis idolatras que não queriam converter-se ao protestantismo, e depois d'este o rigor de suas leis: a guerra civil rednziu a metade o numero dos habitantes. O infanticidio tambem se converteu n'uma especie de habito entre este povo ainda meio selvagem, e a sua origem é a pobreza que os missionarios tem motivado á força de se apoderarem de tudo: quasi que se não encontram creanças n'esta bella região.

A linguagem do Taítí é muito suave e pronuncia-se com grande facilidade; a abundancia de vogaes nas palavras a torna harmoniosa: faltam-lhe muitas letras do alphabeto, o c, os, o g, o j, o z etc. — Todas as palavras terminam em vogal; os verbos empregain-se sómente no infinito: não se usa dos pronomes pessoais senão nos casos de absoluta necessidade. Os taítianos fazem preceder a muitas palavras uma emissão de ar que se parece ao som de e e á aspiração do h, e que nem uma nem outra cousa é; é o unico obs-

taculo que torna a pronunciação da sua lingua mui difficil para eurcpeus.

A dança nacional consiste n'uma especie de mimica que se practica com os braços; os que fazem a pantomina assentam-se no chão em meio circulo para imitar os geitos, e sons gutturaes de um que está de pé no centro da roda.

O governo taítiano consta de um rei e de uma especie de parlamento a que todas as povoações do estado mandam deputados: o seu codigo não passa da summa das leis feitas pelos missionarios, cujas disposições penaes reduzem-se a multas em proveito d'aquelle ávido clero. — Os francezes rezidentes em Taítí, principalmente os missionarios, por vezes soffreram perseguição indirecta dos padres protestantes. Já em 1838 Mr. Dupetit Thouars teve de exigir reparações da parte da rainha Ahimata Pomaré Ouahiné I, então reinante, por causa dos insultos feitos á França na pessoa de seus missionarios a instigação de Mr. Oritchard, cabeça da missão protestante. Posteriormente o mesmo official, promovido a almirante, achou-se obrigado a fazer respeitada no Taítí a bandeira franceza. Depois da expedição ás ilhas ~~Marquezas~~ Mr. Dupetit Thouars dirigiu-se á de Taítí, e deitou ferro no porto de Papeití a 30 d'agosto de 1842; grande quantidade de francezes que habitavam na ilha vieram logo a bordo queixar-se do mau tractamento de que acabavam de ser victimas, e requereram a protecção do commandante. — Com a noticia da occupação das ilhas Marquezas a rainha Pomaré se penetrara de grande temor e se retirara para Eiméo: os missionarios pretestantes se haviam aproveitado da sua ausencia para amotinar os naturaes contra os francezes, expostos d'este modo á perseguição dos barbaros, que subornados os tractavam como a inimigos sem saberem porque: o agente consular da França não tinha poder para favorecer os seus compatricios, e até elle corrêra o risco de ser assassinado. Chegou a cousa a ponto de derribarem as moradas dos francezas, e talarem-lhe as cultivações. — O almirante gastou uma semana a reunir as provas de todas aquelles maleficios, e logo que as obteve convidou os consules estrangeiros a proverem á segurança de seus nacionaes, quer na residencia respectiva, quer a bordo da fragata d'elle almirante: ao mesmo tempo mandou intimar ao governo taítiano que se não lhe enviassem a bordo dentro em quarenta e oito horas dez mil piastras, por indemnisação devida aos francezes moradores na ilha, começaria as hostilidades apenas expirado aquelle prazo. — Reuniu-se o conselho a toda a pressa, e depois de bastante discussão resolveu que se não pagaria a quantia exigida, mas que se poria o estado debaixo da protecção da França; a rainha prestou immediatamente assentimento á deliberação do conselho, e submetteu-a á decisão do almirante. Para este foi de contentamento a proposta, e aceitando-a, metteu a França de posse d'aquelle bello e fertil territorio; a bandeira franceza fluctuou por cima da de Taítí, e o almirante nomeou o governo provisorio.

#### CARTAS INEDITAS DE ALEXANDRE DE GUSMÃO.

OUTRA carta, de que possuímos o authographo, e que vai aqui fielmente transcripta, mostra quanto rendia a casa de Alexandre de Gusmão tres annos antes do de 1749, em que podemos affirmar fóra escripta a exposição dos seus serviços, pela declaração que elle fez de estar servindo, havia perto de sete annos, o logar de conselheiro ultramarino, para o qual tinha sido despachado em 1742.



Meu am.<sup>o</sup> e meu Sr. do Coração. A carta com que Vm. me fez favor em 22 do passado não me foi entregue logo, e depois mediarão dous correios em que me foi impossível responder. Agora o faço dando a Vm. mil agradecimentos pelos cordeais parabês com que me felicita pelo nascimento de meu filho, q̄. se vai criando muito bem, e hum destes dias terá a honra de ir á pia debaixo dos auspícios de SS. MM; e permitta D<sup>s</sup> q̄ algum dia venha a fazer, q̄. seja de hum Santo o nome de Viriato, q̄. ja foi de hum famoso Capitão Portuguez. D. Isabel (1) a quem fiz prez.<sup>o</sup> a attenção de Vm, e q̄. m.<sup>to</sup> estima por fé as suas virtudes tambem lhe rende as graças, e Vm. as dará da minha parte ao M. R. P. Conego Sebastião de Prada Lobo pela continuação com que me favorece. Ao Sr. Dez.<sup>or</sup> e ás P.<sup>as</sup> dessa casa oferecerá Vm. o meu obsequio e reconhecimento pela sua lembrança.

O recommendado de Vm. ja o foi por mim a Dom.<sup>os</sup> Pires Band.<sup>ta</sup>, que com toda a bizarrria prometeu que a ele recorreria nas occasiões que se offerecessem.

Graças a Deos, que chegou este encantado prazo da sua renuncia, e me deixou esta nova cheio de regozijo pela esperanza de o ver finalmente descansado, e a mim gozando da sua amavel companhia, que me faz certamente mais saudades do que a Vm. faz a minha. Tudo está muito bem ajustado como couza do seu juizo, que a tudo soube atender, e até para lhe não esquecer, ainda o desnecessario, vejo o cumprimento com que Vm. encerra a sua narração, que he bem digno da sua generosidade, e me deixa obrigadissimo; mas tomára eu poder concorrer para algum maior comodo seu, ou dos seus parentes, que só isso me lembrára em tal cazo; e pelo serem de Vm. eu os reputo, como se tivera a honra de serem meus. e estimo todo o seu bem como se fora proprio. So hũa condição peço a meu favor, e desta quero que Vm. me dê palavra infalivel, e he que Vm. hade vir para a nossa comp.<sup>a</sup>, e uzar desta caza em tudo e por tudo como sua. Da gente que nella achara espero se não hade desagradar; porque não ha mais que hũa suma quietação e união perfeitissima de genios todos doces, excepto o meu, que Vm. já se tem costumado a sofrer; e todos o hão de tratar com amor e sinceridade de Irmãos, e suposto não temos de caza quem jogue xadrez temos quem toque quatro sonatas sofrivelmente.

No papel que restituo tudo está certo, ainda o ultimo ponto, sem embargo de parecer que tem alguma contradicção com o penultimo. A expressão presente ha de ser ainda de todos os frutos, ao que eu posso entender, porque o Beneficio ainda se conserva inteiro; mas a paga da anata me parece, que hade ser sómente da ametade que resta ao Coadjutor, e a componenda da Coadjutoria levará outro tanto. Isto depende essencialmente da capacidade, e zelo do correspondente de Roma; porque se for activo e fiel, não lhe faltão rezões com que sustentar que a anata se não deve pagar senão da proporção do que fica ao sucessor de cujo provimento se trata, maiormente estando expresso na Bula que para o futuro se expedirá esse Beneficio por ametade do que tinha; mas se o correspondente não for esperto, dir-lhe-hão que o Beneficio ainda se não divide, e assim hade pagar como inteiro. Quanto ao ano de morto parece-me, que a seu tempo d'aqui a cem annos se hade pagar pro rata pelo sucessor e pela Patriarchal, porque o direito estava adquirido a Vm. antes da graça da Patriarchal.

Vm. me dá conta de um praso que está para che-

gar, e eu lha dou de dous que já chegarão. O 1.<sup>o</sup> foi despachar-me S. M. nas mercês que estavam prometidas, isto he, Comenda de S. Comba dos Vales, Alcaidaria Mor de Piconha, a tença dos Portos secos, tudo pertencente a minha mulher ou por vida, ou pelos serviços de seu pai.

O 2.<sup>o</sup> praso he um que foi da casa do Conde de Vilaflor por espaço de 200 annos, e pondo-se agora em praça para pagamento das dividas do Conde que Deos tem, o arrematei eu em quarenta mil cruzados e cinco mil réis; e com laudemio &c. chegará a perto de 50. He sito junto á Azambuja, e ao Tejo, tem boas terras de Liziria, e cazacs com excellentes pastos. Chamase pelo nome generico de Côte da Vila, que comprehende uma e outra couza. Anda mal aproveitado; mas nesse estado rende por arrendamento já de muitos annos vinte moios de trigo, vinte de cevada, tres barcos de palha dos maiores, 10\$ r.<sup>s</sup> em dinheiro, 50 alqueires de legumes, e alguns porcos com outras achegas, salvo o foro que he de hum moio de trigo, e 8\$ r.<sup>s</sup> em dinheiro. A compra não foi das mais baratas, mas eu a dou por bem empregada por não estar desembolsando para palha, cevada e trigo, que he hum roubo, e sempre governado aquilo melhor, poderá dar-me fartura á caza, como a dava á do Conde de Vilaflor em quanto o possuio. Faltame agora comprar quatro pés de oliveira, que me dem o azeite necessario para o gasto de caza, e ficarei livre de muitas pontadas.

O 3.<sup>o</sup> praso que he o da minha satisfação ainda não chega; porque eu confio na sua bondade, que ainda não está exaurida a sua paciencia para comigo. Verei o que posso fazer antes da partida da frota: porque nela não me veio nada a respeito da outra fazenda que tinha arrematado no Brazil meu Tio obrigando-se a dar de primeiro pagamento 10\$ cruzados e 900\$ r.<sup>s</sup> por ano até completar o preço de 43\$ cruzados, e como me fazia grande conta mandei lançar mão dela por haver muitos toureiros, e o Procurador acudiu com o primeiro pagamento menor do que meu Tio se tinha obrigado por estar a fazenda deteriorada; mas esta parcela com a de algumas letras que passei absorbeu toda a remessa. E o certo he que por estes primeiros quatro ou cinco annos heide meter, como dizem, agulhas por alfinetes, até me alimpar da carepa das dividas, que em quanto as ha, não tenho descango. Porém hũa vez que me veja livre delas; terei com que passar decentemente, porque já conto 19\$ cruzados de renda, e se conseguir algumas cousas que estão pendentes e não pendem de muita demora, passarei dos 20. Permitta Deos dar-me luz para saber fazer bom emprego de tantos favores seus. Conserveme Vm. o seu amor, que he a minha maior riqueza, e mandeme em que o sirva; e quando se vir com o nosso Prelado, me ponha aos seus pés com mil amorosas lembranças.

D.<sup>s</sup> g.<sup>o</sup> a Vm. m.<sup>l</sup> a.<sup>s</sup> Lisboa 19 de Fevereiro de 1749.

M. R. P. João Monteiro Bravo.

Restituo a carta de Alexandre Brandão, e a minuta da resposta, que de bem guardadas não apparecião.

De Vm.

Am.<sup>o</sup> do Cor.<sup>o</sup> e obr.<sup>mo</sup>

Alexandre de Gusmão.

As particularidades da vida intima do secretario e confidente de D. João V, que a presente carta nos descobre, nos obrigaram a publica-la como um subsidio importante para a biographia de Alexandre de Gusmão, que tem sido escripta até agora muito em resumo, em consequencia da escacez de noticias.

(R. F.)

(1) D. Isabel Maria Teixeira Chaves, filha de Francisco Teixeira Chaves, fidalgo da casa real.



## PYROXYLINA OU ALGODÃO-POLVORA.

**Força balística.** — Mr. Averos, coronel de artilheria, fez varias experiencias com um pendulo balistico, empregando em concorrência a polvora vulgar e o fulmi-algodão. Deram-lhe os resultados seguintes:

CARGAS	VELOCIDADES PRODUZIDAS	
	Pela polvora	Pelo fulmi-algodão
	Met.	Met.
1 gram. . . . .	94,268	149,342
2. . . . .	168,897	280,433
3. . . . .	234,091	400,349
4. . . . .	284,956	447,732
5. . . . .	320,153	518,393

Cinco grammas de fulmi-algodão produzem pois o mesmo effeito que treze para quatorze grammas de polvora de espingarda.

MM. Combes e C. Flandin fizeram alguns ensaios sobre a extracção da pedra das pedreiras por meio do algodão azotico. Estes ensaios, com serem insufficientes e não darem a medida exacta dos effeitos da nova polvora, mostram que ella póde ser empregada na exploração das minas, sem exigir precauções difficilosas. A propriedade que tem de arder quasi sem fumo nem cheiro, lhe assegura que será preferida á polvora ordinaria em todas as excavações subterraneas, sendo igual o custo de uma e outra.

**Effeitos pyrotechnicos.** — O papel, preparado pelo methodo de Mr. Pelouze, e embebido em dissoluções de nitrato de strontiana, de sulphato de cobre, de nitrato de baryta, produziu lindos fogos vermelhos, verdes e brancos. Os papeis azotados, como era d'esperar, poderão tambem ser uteis á pyrotechnica. A pequena demora com que ardem, devida a terem sido mergulhados na dissolução dos saes metalicos, favorece muito a duração das vistas que se pretendem fazer com os fogos de cores.

**Analyse.** — Mr. Dumas concluiu da analyse do algodão-polvora, que, se a sua explosão nas armas ou nas escorvas desse os productos gazosos que elle achára, estragaria as armas dentro de pouco tempo; mas depois de outras considerações, que não são para aqui, admittiu a possibilidade de que o algodão fulminante, empregado nas cargas das armas de fogo, não causará os damnos que promettiam os productos acidos da sua explosão ao ar livre, sustentando, comtudo, que lhe parecia inevitavel a formação do acido nitroso nas escorvas.

**Vantagens e inconvenientes.** — As vantagens que apresenta o fulmi-algodão em relação ao serviço militar, diz o coronel Averos, são o aceio, a combustão prompta e sem residuo solido, o não deitar máu cheiro, a leveza, e ser possivel manusea-lo sem perigo, longe do fogo, bem entendido; não largar poeira nem ter precisão de ser peneirada, uma força incontestavel, e que se póde avaliar (por agora) em tres vezes a da polvora.

Entre os inconvenientes aponta Mr. Averos o grande volume, e por conseguinte a difficuldade do fabrico e transporte; finalmente a producção de grande quantidade de vapor da agua. Accrescenta-se a isto a formação de vapores capazes de estragar as armas, e de vapores nitrosos, dos que Mr. Dumas se receia; ainda que o longo uso da polvora fulminante ou ammoniureto de mercurio nas escorvas deve ter dissipado o medo dos vapores mercuriaes, provenientes da combustão.

A practica deve attenuar estes inconvenientes; de outros mais graves houvera a chimica contemporanea accusado a polvora vulgar, se assistisse ao seu nascimento com os apurados methodos da analyse de que hoje dispõe: por exemplo, de deixar grande porção de residuo, e de deitar um fumo que incommoda. E a chimica a nenhum d'estes defeitos poude até agora dar remedio, e ha perto de cinco seculos que este informe producto está na posse de auxiliar os odios dos homens e dos governos.

De resto, os inconvenientes que apresenta o fulmi-algodão teem muito pouco valor comparados com as suas vantagens, e bem fazem os que continuam a estudar o modo de o applicar ás armas de guerra. Os progressos, que se teem feito na preparação, já respondem ás principaes arguições de que foram alvo os primeiros productos. As commissões de artilheria que, na Prussia e na Inglaterra, não quizeram admittiro fulmi-algodão, mais por orgulho nacional que por motivo serio, terão, a sua pezar, de reformar, dentro de pouco tempo, um juizo precipitado.

Ninguém póde prever o futuro a respeito da nova polvora; está dado o primeiro passo n'uma carreira nova, seguida com ardor pela curiosidade impaciente de uma multidão de indagadores. Talvez que novos compostos venham fazer este esquecido. E em todo o caso elle carece de passar pelas provas do tempo e da critica; e a sua preparação, se não puder ser simplificada, deve adquirir o character de uniformidade indispensavel, para que grandes porções de polvora azotica possam ser fabricadas com presteza.

MM. Aubert, Pellisier, e Gay-Lussac, no fim do seu relatorio sobre a polvora e escorvas fulminantes, perguntavam, se havendo uma guerra geral, a França, que não tem minas de mercurio, poderia obter a quantidade d'este metal necessaria para fabricar as escorvas para o exercito. Actualmente, que a pyroxylina deixa muito atraz de si o fulminato de mercurio, porque serve ao mesmo tempo de carga e de escorva, a questão não será ociosa, visto que o algodão é um genero exotico. Conviria por tanto que os chimicos fizessem ensaios encaminhados a substituir o algodão por outras materias textis dos nossos climas, como são, por exemplo, o linho e o canamo.

A' questão da materia prima segue-se a não menos urgente da conservação. Terá a pyroxylina a pecha, commum a todos os fulminantes, de se alterar com facilidade, de custar a conservar? Ha razões para o crer.

Que meios se poderão empregar em tal caso para fazer grandes provimentos sem perigo, já que a preparação da nova polvora não é tão facil e rapida, que baste ter á mão as materias indispensaveis para fabricar grandes porções d'ella?

## AS NAIADES.

INTENTANDO aformosear com um chafariz a praça de Luiz 15.<sup>o</sup> Napoleão iucumbiu um architecto de apresentar o desenho. Feito este, viu o imperador que o monumento se compunha de quatro naiades que deitavam a agua pelos peitos; achou a lembrança pouco decorosa, e disse para o riscador da obra. — "Tirai d'aqui estas amas de criar; as naiades eram virgens.

Com as pistollas engatilhadas, perguntou uma patrulha a Bocage: — Quem é? d'onde vem? para onde vai? A resposta foi prompta:

E o poeta Bocage;  
Vem da loja do Nicola;  
Vai para o outro mundo,  
Se lhe dispara a pistolla.